

## EM UM FUTURO NÃO DEFINIDO

Rogério Acioli<sup>1</sup>

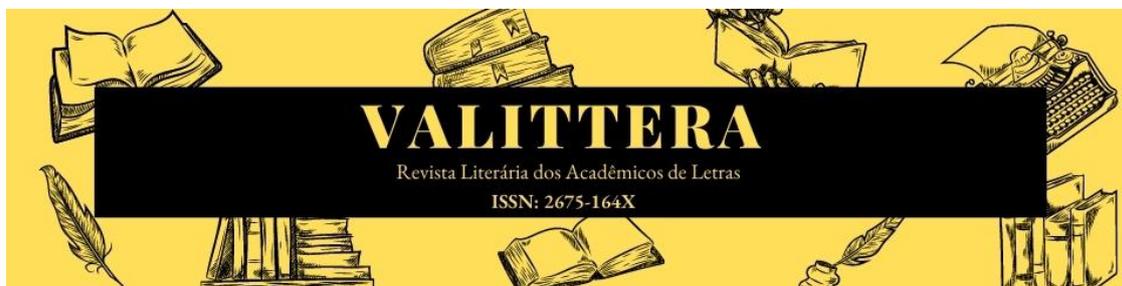
-Por que eu sinto como se já tivesse vivido isso antes? - Disse Fabian Fall.

Era madrugada quando um meteorito atravessou o anel superior do complexo espacial. A nave não tripulada RAUX N°27 de passageiros estava a algumas centenas de quilômetros de Europa. A vista do infinito espaço era considerada hermética pelos poucos que registravam o período de traslado fora do modo de hibernação induzido. Considerada uma das melhores luas em órbita de Júpiter, Europa oferecia tudo aquilo que o trabalhador de classe média buscava: belas paisagens, noites estreladas e dias artificialmente ensolarados, sem as preocupações cotidianas, como em uma eterna colônia de férias. Anualmente, dezenas de excursões eram feitas entre o posto avançado terrestre entre Júpiter e Europa, levando centenas de milhares de aficionados para conhecer os mares de silicato em constante movimento e a exuberante flora artificial de ecossistemas terrestres em realidade aumentada.

A mulher à frente de tudo isso era Anna Hill, filha do famoso professor em biomecânica de autômatos e falecido, Frank Hill. Ele dedicara sua vida para alcançar a perfeição, deixando sua marca até na trama de uma folha virtual. “Nossos visitantes precisam se sentir em outro mundo, não em uma versão de mundo”, dizia Frank. Após construir a maior parte da flora de Europa e iniciar modelos de criação e reprodução de fautos (animais parcialmente cibernéticos e parcialmente orgânicos), Frank veio a falecer tragicamente em uma das suas expedições pelas Ilhas Três irmãs, no sudoeste do Oceano Maior. Imagens do incidente nunca vieram a público. Desde o início, a jovem apresentava a mesma aptidão e genialidade do pai. Em pouco tempo se formou, somando ao grau de Engenheira Astronáutica, o título de doutora em bioenergética de compostos isobáricos.

---

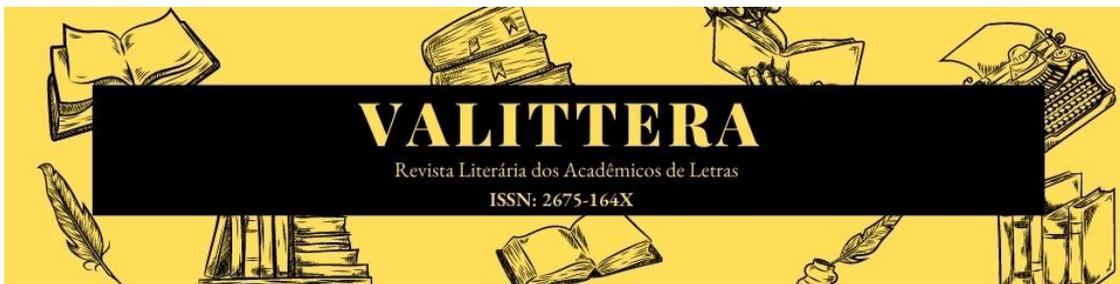
<sup>1</sup> E-mail: [rogerio.acioli@hotmail.com.br](mailto:rogerio.acioli@hotmail.com.br)



Com 18 módulos conectados, 32 lugares cada, RAUX se aproximava do seu destino em uma velocidade constante a estibordo. Um blazar com radiação da ordem de TeV era visível no fundo de Europa, como um halo divino que iluminava a escuridão do espaço sideral. RAUX era uma nave dos anos 2370 e como na época, um equipamento de modelo híbrido, passível de ser comandada por seres humanos como pela inteligência artificial RAUX (Rough Augmented User eXperience). A I.A. era não atualizada desde o início do século, fazendo com que algumas características de localização sideral se perdessem, mas ainda, como os antigos navegantes se guiavam por estrelas, RAUX podia se guiar pelo mar ébrio, e dessa forma, realizar o tão almejado do sonho de cruzar a galáxia até Europa, de forma arriscada, mas mais acessível. Fabian era um desses jovens aventureiros dispostos a entrar nessa.

A 27 era uma nave de segunda linha comprada no final dos anos 2390 pelos irmãos Krill. John e Jasper foram desde sempre inatos empresários do ramo astronáutico. Filhos de operários na base intergaláctica, sonhavam em dar à luz a JJ Astro linhas, como ficou conhecida a companhia dos irmãos. Eles mesmos, autodidatas, realizavam a maior parte da manutenção da frota. A 27 manobrava o leme bombordo durante a operação de acoplamento. Mais uma viagem realizada pela nave que apesar do aspecto datado e do formato icônico, que lembrava um extenso encouraçado soviético. Era um belo artefato sideral em rota de chegada. Mesmo assim, Jasper e John estavam cada vez mais visados nas colunas de opinião dos tiniais matinais, os jornais de manchetes da Base. “John e Jasper são vistos na primeira fila do grande confronto de eBoxe dessa noite, na ala esportiva da Nova Vegas”.

Era uma noite muito aguardada na Ala Esportiva, da Nova Vegas. Famosos e estrelas aguardavam pelo confronto entre o Garanhão Marciano, peso pesado, e o ágil oponente lunar em uma tela projetada sobre a redoma cibernética. Excursões vieram de longe trazendo pessoas que queriam presenciar esse embate histórico. Terrestres, marcianos, lunares e galácticos. Humanos, híbridos e omptats (seres apenas digitais inteligentes materializados em nanoestruturas óticas humanoides). A arena estava esgotada naquela noite e como em qualquer arena esgotada um percentual relevante de tragédia pairava no ar.

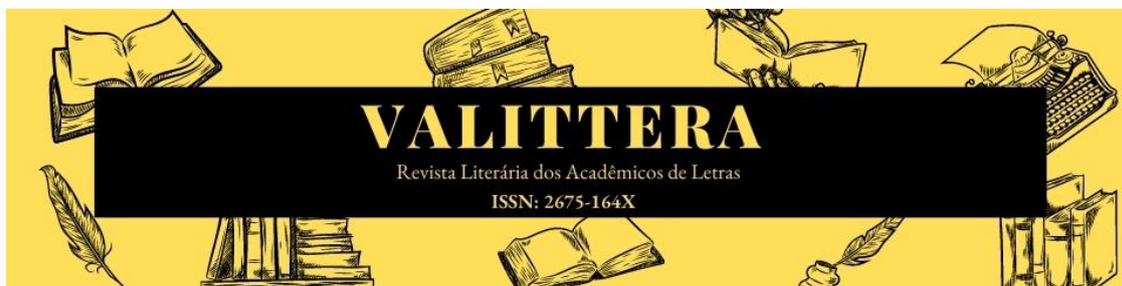


Aproveitando as distrações, John saiu do lado do irmão avisando que ia ao banheiro. Passou por Anna Hill e sua equipe de omptats. No caminho da saída, ele ia se atualizando do status da chegada da 27. Algo na nave estava lhe deixando ansioso, algo que não contou ao seu irmão: 27 carregava além de passageiros, um objeto raro, que custou a John mais que jamais poderia dizer ao seu irmão, mas que apostava que seria o grande salto de sucesso da JJ. Um novo ramo, uma nova franquia e ele pretendia demonstrar isso naquela noite, logo que o resultado da luta fosse anunciado.

Um crismuon de Boltzman. Um cristal isomórfico altamente radioativo considerado por muitos cientistas e até gurus, a origem controlada de um Big Crunch. John queria vender a todos os desguarneckidos a possibilidade de uma nova chance, de iniciar a vida, “como se fosse a primeira vez”, por um custo justo, é claro. E que maneira melhor de fazer isso do que possibilitar que as apostas dos perdedores se tornassem nos louros do campeão? Para isso, além do crismuon, havia um guardião do tesouro, o geólogo Malmam Gray. Afinal, do que serve um enigma sem alguém o possa desvendar? Malmam estava na nave carregando do lado da sua câmara, em um compartimento especial, uma maleta.

A 27 era uma nave de segunda linha desatualizada, como um navegante com antigos mapas para ruas que já não existem. As estrelas e os astros não guiam uma máquina que não tem olhos para ver, assim como também seus atuadores não estavam aptos para alertar que as travas de acoplamento estavam congeladas e emperradas. Como uma aliança feita sem confiança, um acoplamento feito sem o preciso travamento poderia ser desastroso. E é o que o houve. Em um mudo silêncio sideral, o vácuo adentrou as estruturas metálicas entre a velha 27 e a base de acoplamento, contorcendo a nave de dentro para fora, e como em um AVC, conexões e vias de acesso foram rapidamente rompidas. O vácuo atraiu a nave que já se encontrava quase inerte contra o solo. Silencioso e veloz, um relâmpago de dimensões colossais atingiu Nova Vegas e um clarão indescritível sugou a realidade. Um crismuon foi despertado. A realidade não era mais como imaginávamos.

- Por que eu sinto como se já tivesse vivido isso? – Perguntou-se Fabian Fall - Essa não é a Europa que eu imaginava encontrar.

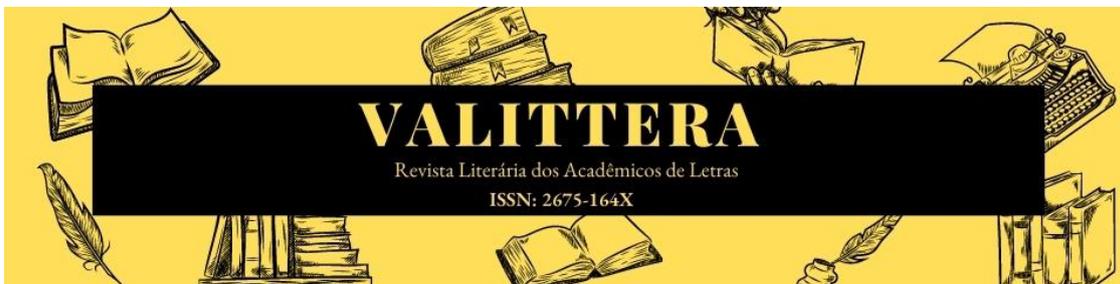


Linhas luminescentes cortavam os céus como rápidos golpes de espada. Uma tempestade de gafanhotos solares, milhares deles, como jatos espectrais em uma confusão conturbada de luzes e formas. Fabian fechou os olhos em estado de choque e contou os segundos até que toda aquela agitação ótica acalmasse. Como que em um imenso prisma branco leitoso de onde das paredes emanavam luz, ele se levantou. Forçando os olhos, buscava entender onde estava. Aquilo não era Europa, não era nada parecido com nada que já tenha visto ou estado. Pontos pretos se levantaram metros a sua frente, ele podia ver. Perguntou-se se eram pessoas; se estariam feridos; mas deu conta que ele mesmo não estava ferido. Talvez enjoado, mas não ferido.

Perto dali, John Krill, o irmão mais novo, também se levantava. Logo que se deu por si, foi direto para o holo fone na parte inferior do braço esquerdo. “Fora do alcance da rede”. Não era possível se comunicar com outras pessoas. Tentou checar outras formas de sinal, mas nada funcionava. No histórico, o último status do seu precioso cristal apontava para o deck de acoplamento. No entanto não era isso que ele via. John estava rodeado por areia. Cordilheiras de dunas e vegetação seca, tal um inseto preso em uma tela ocre. Em um escaldante tom sobre tom, perdido e desconectado, John começou a caminhar, em busca de algum meio de contato.

Instantes depois, Anna, não muito longe de dali também despertava. Seu primeiro instinto foi buscar por outras pessoas, mas tudo o que via eram árvores no meio de uma vegetação úmida, tropical e densa. Ela estava no Jardim do Éden que seu pai construiu. Ali estavam, criações do mesmo autor; genética e ciberneticamente marcadas. “Um pedaço do paraíso escondido de todos”, onde apenas Frank e Anna sabiam como ir. Aquilo a deixou inquieta. Havia uma pesada carga emocional em visitar um local que não via a anos, criando uma mistura de angústia e ternura que debatiam dentro dela. “Como e porque ali?”. Podia sentir que estava ali, entender que não estava preste é ver uma luta, mas uma sensação de dúvida rondava sua mente. Anna fora criada desde pequena para compreender as falhas de uma simulação. Um verdadeiro teste de Turing humano.

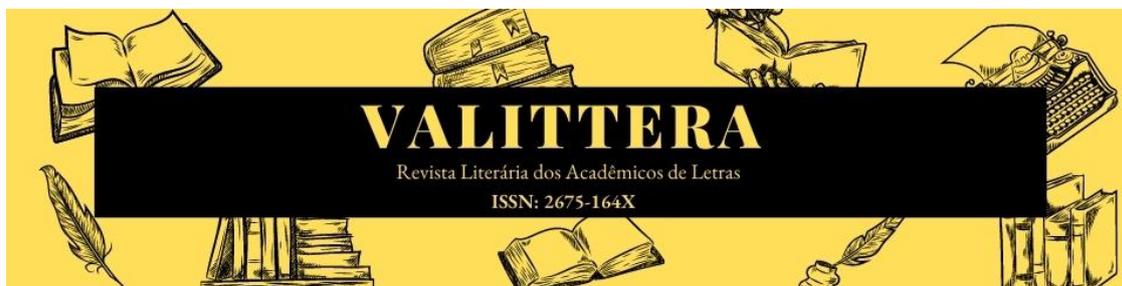
Passado o devaneio, rapidamente sacou seu holo fone e o colocou em modo avançado, ativando o display ocular e a busca por cognição. Então iniciou a rotina de testes



elaborada por ela, para uma situação como essa, depois da catástrofe na órbita da Anã Menor. O aparelho possuía uma série de sensores capazes de realizar um diagnóstico ambiental durante um desastre ou uma situação parecida. O holo fone piscou; resultados prontos. Os níveis de radiação e de eletromagnetismo estavam absurdamente altos, como se Europa de repente tivesse sido atingida por um imenso asteroide radioativo. Ela ativou o modo de visão de campo para conseguir entender as linhas de condução. Uma colossal borboleta holográfica, a quilômetros de distância, de asas estáticas com veios em constante tráfego e um tronco luminoso. Era visualmente magnífico e assustador. Alterou o modo de visão mais uma vez, agora em busca de uma rota até esse artefato que não fazia parte da fauna daquele lugar. A resposta era óbvia: a *Árvore da Vida*. Ela podia ver as mãos do seu pai agachado a apontar para onde iam: “Para aquele cume do jardim”, para onde ela ia para ter aulas sobre botânica e astronomia ao ar livre. Por um instante até as folhas das árvores tinham o cheiro do pai.

Não havia tempo para memórias. A sensação de solidão se misturava com o desespero por uma saída. Ela decidiu que apesar de arriscado deveria ir até aquele local. Deveria ser alguma rocha que despencou do céu. Então começou a andar, a procura do bunker que seu pai tinha deixado no jardim. “Será o quarto de Caim”, um nome irônico e de péssimo gosto, lembrou, mas que tinha como principal função, proteger a ela e a família de qualquer coisa, inclusive da fúria de Deus. Lá ela esperava encontrar algum tipo de roupa com adequada proteção contra a radiação, suplementos e algo mais.

O suor já encharcava o corpo do sedentário John. “Fora do Alcance...”. Ele havia desistido. Por mais que não fizesse sentido, aquele palco solar e árido não lhe deixava assustado, apenas cansado, cansado ao ponto de deitar em meio ao nada e esperar por algo, qualquer coisa que pudesse, viesse; aconteceu. Algo brilhava no horizonte, ressaltado no alto de um breve cume, como lapsos brancos de memória piscando em fagulhas. “Já é melhor que nada”, pensou e vagorosamente se levantou em direção aquele local. Àquela altura, a Primeira Vez já não era mais sua preocupação. O que as pessoas fariam se pudessem voltar no tempo pouco importava. Só pensava em uma maneira de sair daquele inferno. Eram

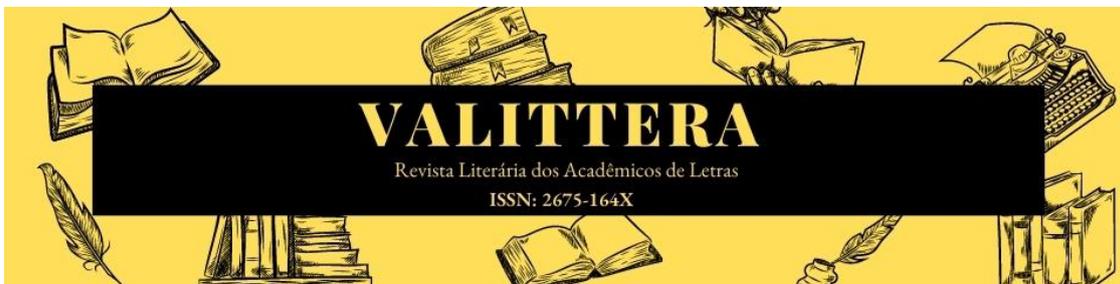


alguns quilômetros que pareciam levar uma eternidade tamanho o incomodo que o lugar causava.

Anna fazia o mesmo. O quarto de Caim parecia a cerca de 100m de distância dela na direção oeste. Um som chamou a sua atenção, não sabia da origem, mas Fabian decidiu apostar na sua percepção para acompanhar esse som. O poliedro fantasmagórico e iluminado era imaculado, no entanto, aterrorizador. Na medida que se deslocava na direção das paredes, elas se afastavam; na proporção que o tempo passava a claridade expandia; não oscilava. Anna imaginou ter visto um vulto no canto do olhar logo que chegara na porta do bunker. Seria seguro entrar ali? Se perguntou em silêncio. Cuidadosamente abriu a pesada porta do bunker e começou a descer as escadas. A escuridão do porão reforçado era automaticamente substituída por luzes artificiais acionadas na sua presença. As paredes incrustadas de musgo davam ao lugar um cheiro forte de umidade, o que gerava náusea nela. Tudo parecia intacto. Três fileiras de mantimentos em prateleiras metálicas jamais tocadas; dois grandes baús, um beliche, uma pia e um armário. Uma vez que parecia seguro o local, decidiu se acomodar e buscar pelos itens que precisava. Optou por comer algo e traçar um plano.

De repente, as luzes apagaram. Lâminas de uma viscosa luz orgânica passaram a preencher as paredes do lugar que parecia cada vez mais quente e pulsante. A escuridão deu lugar ao lísergico rubro marciano acompanhada de cristais azuis brilhante por toda sua extensão. A beleza daquele fenômeno era estonteante, Fabian não sabia como reagir e o que fazer. Sentia-se hipnotizado. O calor não era térmico, era visual. Assim como a umidade e a frieza do bunker eram adventos das linhas retas e metálicas. Seu plano estava quase pronto: a rota estava definida de forma que pudesse caminhar a maior parte do trajeto protegida por formações geológicas que absorveriam parte da radiação.

Parecia que tudo ficava melhor a cada passo que John dava em direção ao ponto de luz a sua frente. Ela tinha a inebriante sensação de felicidade aflorando dentro de si de forma inexplicável. Seus passos já não eram pesados, ele flutuava na areia. Quando estava a poucos metros de alcançar a ponta do cume, uma voz atrás dele falou: “John! Sou eu, venha cá!”. Ele não teve tempo de questionar a veracidade daquilo. Ele podia ver, era Jasper, em carne



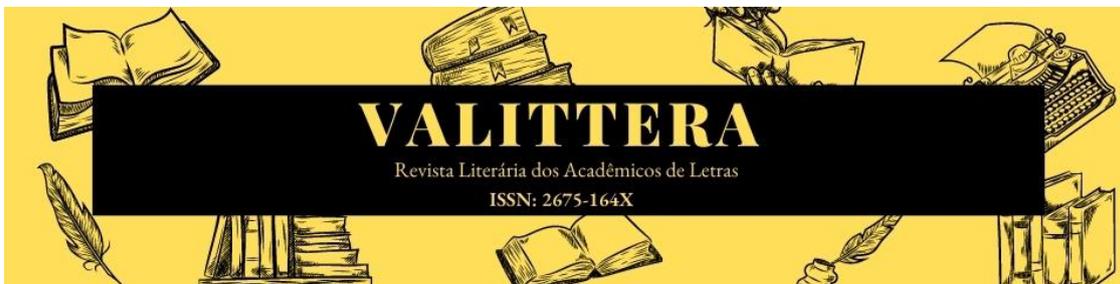
e osso, em uma pequena tenda a alguns metros do irmão. Não muitos, talvez 100. Era estranho, mas não queria perder a oportunidade de encontrar o irmão.

Então ela foi, seguiu viagem para o que imaginava ser a origem de toda aquela situação. Conforme caminhava, paredes transparentes se formavam ao seu redor. Um corredor de espelhos geravam infinitas cópias dele dentro de uma caixa vermelha e preta. A ausência de lógica aparente dificultava a pronta observação do objeto de estudo. Fabian se sentia castigado pelo sentimento de absoluta ignorância que o consumia. A cada passo as paredes somavam-se e se expandiam; multiplicavam-se e se dividiam. A cada batida, em cada uma das superfícies cristalinas, os fluidos incandescentes expandiam-se e se contraíam; esfriavam e aqueciam.

“Não é na medida que reconhecemos nossa condição que reconhecemos o mundo a nossa volta. É na medida do outro”. Anna podia escutar o pai explicando a filha porque precisava ser gentil com os insetos que encontrava e que sua força era infinitamente maior do que a de uma joaninha.

- Onde você estava até agora, Jay? Eu estava procurando uma forma de sair e não tinha visto você! - Como sempre desatento, maninho! Estava aqui mesmo - Poxa, mas não é possível, não tinha tanta gente na região para eu não perceber você! – ironizou John. - Engraçadinho! Agora venha cá, vamos descansar um pouco! Ele se sentou com o irmão. Ainda não podia acreditar piamente que estava vivendo aquilo, mas era melhor aquilo do que antes daquilo. “Cerveja?”, o irmão perguntou, “Mas é claro!”. Era tudo que ele precisava naquele momento, a presença de Jasper e a sensação que tudo ficaria bem.

Faltavam poucos metros até ela chegar na árvore da vida. Chegando ao pé do cume, a mata fechada ia se abrindo e o clima ficava mais quente, menos úmido, mais iluminado. No campo, animais silvestres e raízes de árvores da encosta eram seus acompanhantes. Escalou os últimos metros e em um sobressalto estava de pé na orla daquela vasilha vegetal. No centro dela, a Árvore da Vida. Frondosa, era enorme com dezenas de metros de altura. Uma copa larga, densa. Um tronco tenro, marrom acinzentado, raízes também grossas e saltando do solo como veias de uma pele senil, e ali também, um homem. “Um homem?”, se questionou começando a sentir desespero. Era um homem magro e alto, trajando roupas de



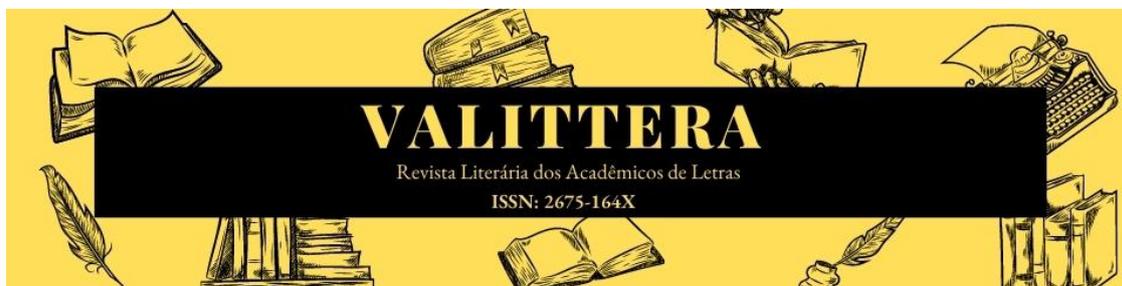
um acadêmico, olhando atento para o solo como se avaliando algo que ali estava. Parecia realmente que a terra havia sido remexida, talvez escavada; ou talvez atingida por algum artefato em alta velocidade.

- Impressionante o comportamento das formigas, não acha? Atuam apenas sob o linear instinto animal. Perceba como se agitam no momento que seu formigueiro é destruído. Olhe como se movimentam em uma aparente correria aleatória, como pequenos seres humanos em um desastre. O que acha disso, Anna? Podemos encontrar um padrão? A voz. A voz que Anna ouviu; a voz que ela sentiu; adentrou tanto os ouvidos como os poros. Um gás sendo injetado e inflando, apertando, estourando, rasgando seu peito. Ela apertava os dedos nas mãos a ponto de poder sentir seu punho começar a torcer. “Não, não, não, não...”. Anna começava a chorar contidamente sob a sombra da árvore. Quis sorrir a terra; quis morder os dedos indicadores até sangrar; quis arrancar os cabelos.

- O que foi, filha? A única reação dela foi gritar, estridentemente gritar enquanto chorava copiosamente - O QUE É VOCÊ? O que você quer??? - Anna?! Sou eu, seu pai!

- Não, você NÃO É! Meu pai está morto – ela vociferava enquanto corria na direção daquele homem – Você não é meu pai; você é uma simulação, uma enganação - dizia isso enquanto pulava nele e o arremessava no chão. Ela estava incontrolável. Em uma violência abrupta começou a agredir aquele homem contra as raízes da árvore da vida. Ensandecida e desmantelada não pode ver o instante em que fragmentos da realidade começavam a desfarelar dos céus como cinzas.

John já sentia que estava ali a horas. Levantou-se e seu irmão ainda estava ali, sentado ao seu lado, na mesma pose: - Finalmente a bela adormecida acordou! Descansou? - Engraçadão! Eu merecia meu momento de chefe! – tentou responder a altura John. - Com certeza! Falando em chefia: estou ansioso para começar as atividades da Primeira Vez! – afirmou Jasper. - Hãn?! Do que você está falando? – John, incrédulo, respondeu em um soluço. - Do nosso próximo negócio! Da sua descoberta daquele crismuon raro que pode voltar no tempo. Não lembra que você me falou? – a sua voz era tranquila. - Jay, do que você está falando? – John começou a se questionar se aquilo era uma armadilha do irmão para o

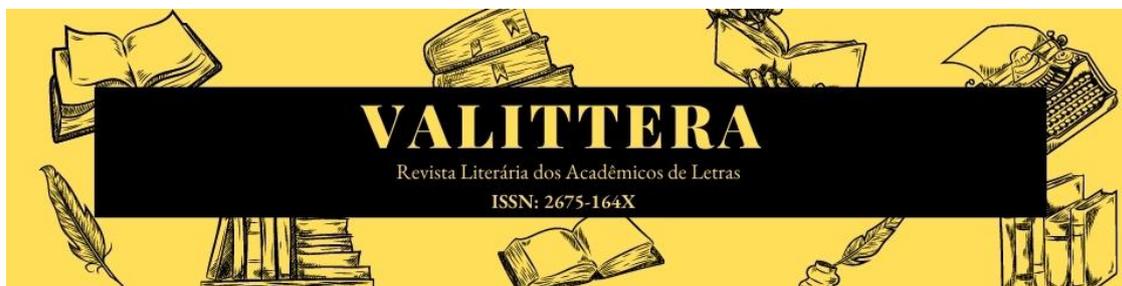


obrigar a assumir o que estava escondendo. - Para com isso de me fazer de louco! – riu consigo mesmo, mas uma risada mecânica. Essa não era a risada de Jasper. Ele não deveria saber sobre o crismuon ou sobre a Primeira vez. Definitivamente para John, algo estava errado. Ele olhou a sua volta. O ponto luminoso não estava tão distante. Aquilo era uma armadilha. Alguém o estava enganando e usando seu irmão como meio para isso. - Jay, você tem algo mais forte aí? Estou a fim de relaxar! - Ah, tenho o seu favorito, maninho! Vou ali dentro buscar ali - Calmamente ele se levantou adentrou a cabana onde ficava seus mantimentos – Vai querer aquele clássico ou puro, John? John, está me ouvindo? - John não respondeu, imaginou que tivesse pegado no sono de novo. Saiu da cabana e quando buscou pelo irmão, ele não estava mais ali.

Assim que o irmão entrou na cabana, John partiu em disparada na direção do ponto brilhante. Decidiu por não olhar para trás por nada na galáxia. Sentia-se traído pelo até então irmão. Corria ofegante e com dificuldade, sentindo bolhas de queimaduras se formarem sob seus pés. Podia ouvir um grito a distância. Não, não ia aceitar cair nessa novamente. Estava próximo, cada vez mais próximo. Subiu a encosta como um nadador na areia; saltou como de um trampolim para dentro e quando caiu, o tudo apagou. Não havia deserto, não havia areia, não haviam queimaduras ou machucados. De repente o chão cedeu, o piso cristalino trincou. Cinzas da dimensão, fragmentos da realidade descobriam a ilusão. No lençol estampando o teto de uma fortaleza para crianças havia sido rasgado. Cinzas daquilo que parecia ser se transformaram aos poucos em cinzas daquilo que antes era.

Assentos levitáveis caídos entre ruínas de um coliseu cibernético. Anna ainda chorava quando saltou do paraíso para Vegas. Seu coração batia forte por causa da sensação de queda. Enxugou o rosto na roupa. Seu holo fone notificou a volta do sinal. Podia ouvir sirenes e naves de baixa atmosfera. Mais uma notificação no holo fone, agora para um alerta de radiação a poucos metros. Ela se levantou, enquanto acionava o modo de visão ocular e por comando de voz requisitava uma rota até a origem da radiação. Estava determinada a resolver isso, embora quisesse saber sobre sua família.

Tossindo, Fabian acordou com a mesma sensação de queda. Lembrava apenas de ter ouvido estalos e finalmente sentir o piso abaixo de si trincar. Ele estava dentro da câmara de

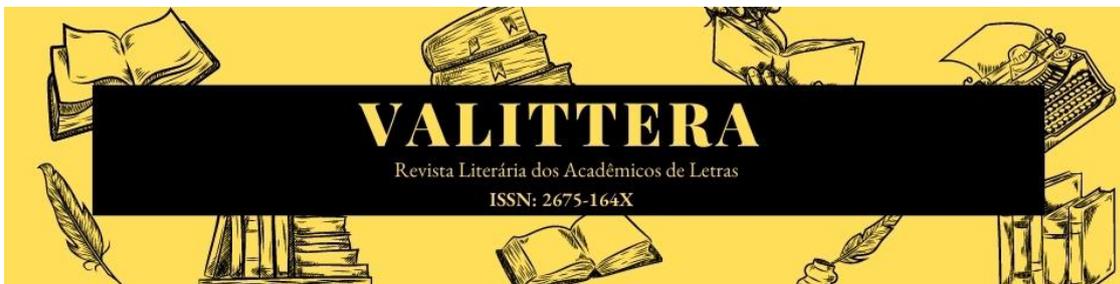


criogenia e ainda tossia quando saiu da câmara, provavelmente engasgado com o próprio líquido do sono. Olhou a sua volta. A 27 estava praticamente dizimada. Todos os outros dezessete módulos haviam rompido com o anel medular da nave e caído em partes ao redor da região de Nova Vegas, gerando explosões e incêndios. Apenas seu módulo, que apesar de muito abalado pela aterrissagem, não entrou em chamas. A visão de destruição era amedrontadora.

John não podia acreditar. Finalmente estava de volta a Arena, a Nova Vegas, a Europa. Nos corredores do edifício, via várias pessoas ao seu redor serem atendidas enquanto despertava. Tocou os pés, o rosto. Não havia mais queimaduras do calor ou da areia. Sua roupa estava surrada e rasgada, mas devido outro incidente e não ao pesadelo que tinha vivido por dias. Um apito soou no seu braço. Era o holo fone notificando sinal. Mais alguns apitos. “Sua carga aterrissou!”. Era tudo o que John queria ouvir. Entrou sentido a arena em busca do irmão. Uma maca com Jasper estava sendo montada na companhia de 3 bombeiros realizando o atendimento. “Jasper!!!”, John gritou enquanto corria em direção ao irmão, quando percebeu Anna se levantando e correndo na direção leste, na direção do deck de acoplamento. John nem ao menos respondeu aos médicos e saiu em disparada atrás dela.

Um senhor baixo e levemente obeso, com os óculos sujos, cabelo longo e ralo chamou a atenção de Fabian. Tinha a respiração pesada e o olhar perdido, enquanto abraçava uma maleta reforçada que estava parcialmente despedaçada. “ Ei, oi! O senhor está bem? Precisa de alguma ajuda?”, perguntou, mas logo percebeu que o idoso sangrava na região do abdômen. “Estou, saía daqui!”. Antes que pudesse perguntar seu nome, John veio gritando ao longe: “Malmam! Malmam!” - Esse é o meu nome - suspirou, sua respiração era pesada.

Fabian foi em direção a voz que gritava pelo idoso. Demorou alguns minutos até achar John e Anna. Ele acenou de longe para eles. Quando se encontraram, John logo perguntou pelo Malmam. - Olha, senhor, não sei quem é, mas o Malmam está ferido, tem um sangramento no abdômen, visível mesmo com a roupa. - Ele tinha alguma coisa brilhante na mão? - Enquanto iam voltando aos destroços de 27, Anna questionava Fabian. - Não, só tinha uma maleta, mas não sei o que tinha dentro. Por que? – disse curioso.



Quando chegaram, Malmam já não estava mais sentado. Seu corpo estava contorcido sobre a maleta, quase caindo desacordado. Abaixo dele e pelo lado esquerdo do corpo, uma mancha escorria e formava uma grande poça de sangue. - Malmam, acorde! Não durma Malmam! – Anna falou enquanto levantava seu rosto. - Acorda, Malmam! Você não vai escapar sem me dar meu cristal! – vociferou John.

Malmam balbuciou algo como – A mala... - A mala? Onde está mala que você falou, Fabian? - Anna perguntou. - Eu não sei, estava com ele o tempo todo!

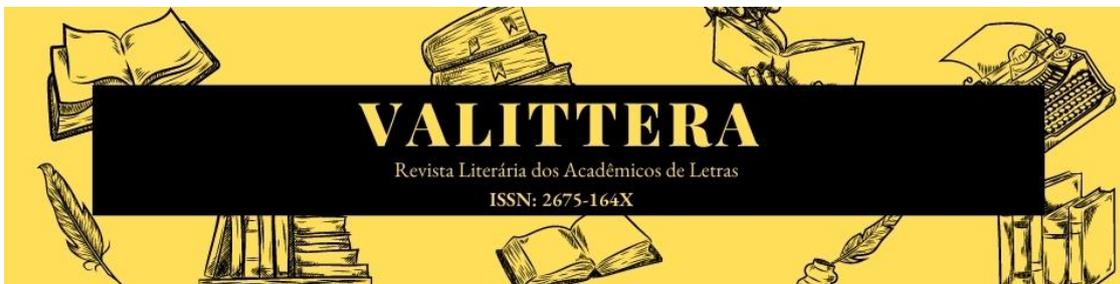
Novamente, o geólogo balbuciou algo e com muito esforço apontou em uma direção; para uma das câmaras de sono induzido. Ela correu para lá e pegando a mala, levou rapidamente para perto dos outros. - Ok, tem uma abertura aqui, mas maleta é muito reforçada, preciso da sua ajuda para abrir – delicadamente encostou o braço dele na maleta que abriu.

Anna levantou a tampa e o que viam era difícil de compreender. O crismuon não parecia com uma rocha bruta comum, um asteroide ou sedimento de montanha. Suas milhares de faces obedeciam a uma infinita simetria. Dentro dela as cores pareciam como uma constelação rubro-negra lentamente variando de posição.

- Você é maluco, John! Você estava trafegando um cristal como esse em uma nave barata como essa? Você não tinha noção do perigo que estava se colocando e colocando a todos nós? - Olha bem como você fala da 27! Ela foi uma das nossas primeiras naves – falou em tom quase cômico para Anna.

- Você é doido! - No braço dela o holo fone começou a tocar ininterruptamente. Eram os sensores de radiação que estavam dando picos nas medidas. Ao perceber isso, ela ficou em choque. Tinham poucos minutos se quisessem sobreviver a radiação do crismuon

- Malmam, preciso da sua ajuda. Nunca acreditei na possibilidade que uma rocha como essa poderia interferir nas realidades. Sempre compreendi que não passava de mera charlatanice, mas para mim essa pode ser a única explicação para o que eu vi hoje antes de voltar para arena destruída. Eu preciso que me diga como operar esse cristal para que eu possa salvar a todos nós. Você consegue me ajudar? - Ele tossiu sangue, como se tivesse limpando a garganta para conseguir falar e então disse:



- Uma descarga...elétrica... em qualquer região... do cristal...

- Ótimo! Mas de quantos volts?

- Um...ponto...oitenta...um...giga... – Ele tossiu novamente, mas não para falar. Seu folego tinha acabado. Caiu de lado, desfalecido. Anna teria que viabilizar as últimas palavras do geólogo, na fé de que aquilo seria possível de funcionar. Ao mesmo tempo, a tensão dentro dela aumentava quando percebeu que John e Fabian também tossiam. Olhou para o braço, se deu conta que tinha menos de trinta minutos antes do seu sistema nervoso entrar em colapso e desmaiar. Olhou a sua volta. Boa parte da cidade estava escura por causa da falta de abastecimento de energia. Era necessário uma subestação ou um gerador de grande porte para conseguir alimentar o cristal e fazer com ele entrasse em funcionamento.

- John, como você veio para cá?

- Eu? Mas por que?

- Vamos, diga! Como você veio? De carona, com seu próprio jato?

- Sim, eu tenho meu próprio drone.

- Onde ele está?

- Não sei, eu estacionei na área de convidados VIP da luta, que era... Por aqui, não era?

- Você ainda tem suas chaves?

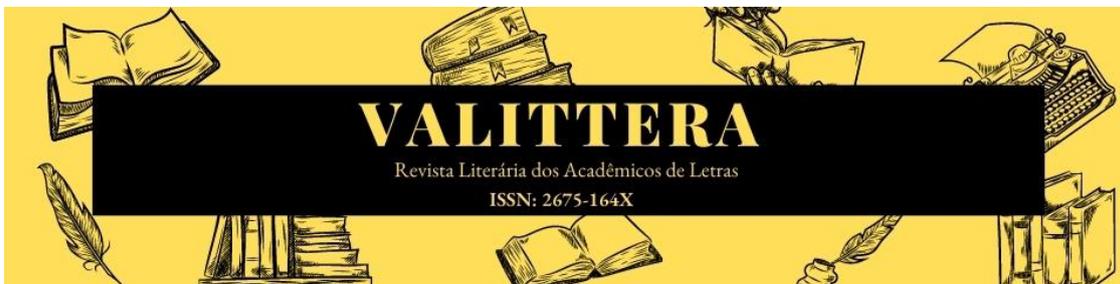
- Tenho sim!

- Então ande! Chame ele para cá. – No mesmo instante que tocou no seu holo fone para chamar o veículo, ouviram o som da nave a caminho. Logo que chegou, ela não pôde devido a condição do terreno; pairava na altura necessária para que pudessem entrar no veículo.

- Pronto, e agora, gênio, o que faremos?

- Faremos o seguinte. Ajude-me a acessar o motor do veículo. É necessário uma alta tensão de partida para decolar esses veículos. Não sei se conseguiremos chegar aos 1,81 gigas volts, mas podemos aumentar o araste da nave danificando suas asas e spoilers. Além disso, precisaremos direcionar ela verticalmente até a atmosfera, está claro? Você entendeu, John?

- Ela disse com tom de questionamento, olhando fixamente em seus olhos.



- Ok, ok, está claro! Eu só preciso controlar ele via o holo fone em direção perpendicular a atmosfera, certo?

- Sim! Eu espero que trabalho gerado para conseguir fazer essa trajetória gere a quantidade de energia que precisamos para o crismuon atuar em nossa realidade.

Dito isso, começaram a danificar a nave, deixando-a menos aerodinâmica possível. Os três, mas principalmente Anna já sentiam o efeito da radiação. Eles contavam os minutos; os sintomas iam exponencialmente se agravando. Anna estava finalizando, quando John caiu no chão, tossindo sangue.

- John!!! - Ela gritou. Eles precisavam dele para comandar o carro.

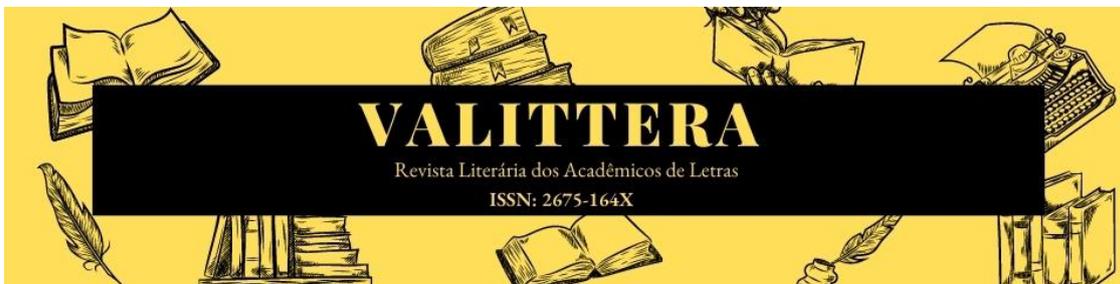
- Eu... Não sei... O que está acontecendo... - Tossia mais e sentou-se.

- Eu sei, é o crismuon. Aquela maleta era reforçada e pesada porque era uma barreira para a radiação do cristal. Só assim Malmam conseguiu transporta-la. Acredito que por algum motivo a sua nave já estava em queda ou em colisão, quando a maleta e o cristal também caíram e com a energia do impacto, fomos levados a diferentes dimensões. Pelo menos você me contou que viu seu irmão no deserto. - John respondeu com a cabeça, cansado - Está bem, eu já instalei o cristal, podemos iniciar a rota. Consegue nos ajudar?

- Cindy, iniciar rota do cristal... - Ele falou com a voz baixa, mas firme com seu holo fone. A nave se colocou em posição vertical e como em um lançamento de foguete, começou a gerar propulsão. - Anna, isso vai funcionar mesmo? - Fabian perguntou, enquanto de pé ao lado dela olha para a nave subindo em direção aos céus.

- Eu não sei, mas fizemos nossa parte para mudar o futuro.

- E o passado - Completou Fabian. Fogos de artifício estouravam no certo da arena cibernética. Humanos, híbridos e omptats gritavam em unísono. O narrador anunciava: “Sras. e Sres., orgânicos ou cibernéticos, de todos os planetas e bases, preparem-se! Hoje veremos o maior embate de suas vidas! Quem levará o cinturão da galáxia? O experiente marciano ou novato lunático? Um oferecimento da corporação FayCo e da companhia de viagem JJ Astro linhas”. Jasper olhou para o lado e se deu conta que seu irmão já tinha voltado do banheiro.



- Ora, você já voltou? Nem vi você saindo! John olhou para Jasper com o olhar de incompreensível gratidão. Lacrimejava. Para o irmão, John parecia emocionado com o anúncio da empresa ou algo assim. Multidão, arena, sucesso... - Tudo bem, John, pode chorar. Não vai ser a primeira vez que o vejo assim!

Fabian abriu os olhos dentro da sua câmara de criogenia. Fragmentos descolavam da superfície da nave sob a luz da iluminada da sonhada Europa.